



'Rui Borges Turntable', um gira-discos feito por medida



Rui Borges, o próprio: a paixão do áudio

RUIBORGES

# O alfaiate do som

A Delmax, na Rua da Madalena, é um lugar de peregrinação que reabriu ao culto e onde na era do laser ainda se fazem gira-discos por medida...

> JOSÉ VÍCTOR HENRIQUES

**H**á lojas onde nos sentimos bem, onde nos fazem sentir bem. Na velha Rua da Madalena, o dono da taberna, da farmácia, da ervanária não se limitam a «aviar» o cliente, conversam com ele. É assim também na Delmax.

Hoje abrem-se lojas amplas, modernas e polivalentes, tão cheias de nada quanto vazias de tudo. Porque uma loja não são as coisas que lá se vendem, são as pessoas que as vendem. E quando quem vende não compreende quem compra, comprar e vender passam à categoria de mera transação comercial.

A situação é ainda pior quando quem vende não compreende sequer o que está a vender. E não me refiro apenas aos aspectos técnicos, refiro-me à filosofia do projecto em si. Hoje discutem-se os preços, não os conceitos. Neste contexto, um sistema de som ganha o significado pejorativo de «electrodoméstico sonoro» – um objecto que se compra para mais tarde esquecer na voragem consumista do tempo.

Mas ainda há pessoas para quem o áudio é uma paixão, um projecto de vida – para toda a vida; pessoas que não toleram que a expressão sincera dos seus gostos íntimos seja recebida com a indiferença, por vezes a roçar o sarcasmo, de quem não tem tempo a perder porque precisa deses-

peradamente de facturar.

Rui Borges é um audiófilo praticante: «*it takes one to know one*», dizem os americanos. Quando alguém angustiado sobe as velhas escadas de madeira com um gira-discos ferido na asa, é recebido com a compreensão de quem conhece a dor de perder um objecto amado. E tudo fará para o salvar. Outro diria logo: «Isso já não se usa...», como se as emoções fossem descartáveis ou passassem de moda.

Rui Borges recupera gira-discos com a religiosidade de quem restaura obras de arte sacra. E

**Rui Borges conhece todos os segredos dos gira-discos, porque ele próprio também concebe, desenha e constrói de raiz, peça a peça, gira-discos analógicos de elevada performance.**

apresenta como exemplo um ilustre Thorens D124:

«Faltava-lhe esta peça aqui, que regula a velocidade de rotação, estava condenado, e eu fiz uma no torno, depois afinei-o, pintei-o, vai tocar melhor que novo...», garante com aquele sorriso misto de humildade e competência que distingue os eleitos.

Rui Borges conhece todos os segredos dos gira-discos, porque ele próprio também concebe, desenha e constrói de raiz, peça a peça, gira-discos analógicos de elevada performance. Gira-discos feitos por medida para clientes especiais e personalizados com o

nome do proprietário na lapela: um caso raro em Portugal, onde quase tudo é importado. Eis o luxo raro do som feito por medida à sua medida:

«São obras únicas feitas para conhecedores...», explica a Carla, olhando embevecida para o marido, que passa entretanto a exhibir com evidente entusiasmo alguns dos instrumentos utilizados na medição e corte das chumaceiras, dos eixos, dos pratos e subpratos com a precisão das centésimas:

«O aço inox do eixo e a liga de bronzaluminio das chumaceiras têm exactamente o mesmo índice

de dilatação. Há gira-discos famosos que utilizam revestimentos de Teflon e outros materiais muito sensíveis à temperatura. E depois as pessoas queixam-se que a qualidade do som varia com a estação do ano – e não me refiro às *Estações do Vivaldi*...», ironiza Rui Borges, feliz por poder partilhar a sua paixão com alguém que a compreende bem.

A admiração é mútua e de longa data: Rui exhibe uma fotografia desbotada pelo tempo da minha apresentação das colunas «*full-ribbon*» Apogee Diva, no decorrer do Festival de Música da Póvoa de Varzim. De facto, lá estou eu, com

mais cabelo e menos peso, a esclarecer as massas sobre as virtudes das colunas-de-fita. Se bem me lembro, já passava da meia-noite e ninguém arredava pé. E não havia vídeo nem filmes de acção: só música. Ou talvez por isso...

«Eu estive lá...», confessou o Rui orgulhoso, como se o acontecimento tivesse tido na sua vida a importância de Woodstock...

«*The taste of the pudding is in the eating*», dizem também os anglosaxões, mestres na arte do áudio. Rui Borges fez questão em que eu ouvisse tocar o «seu» gira-discos. Montou umas maravilhosas colunas Sonus Faber Guarneri no elegante pedestal de longas cordas de violoncelo, ligou-as sem intenção de me impressionar a um modesto e surpreendente amplificador Myriad-Z, por meio de cabos Nordost Valkyria, colocou no prato um LP de jazz: *Soular Energy*, do Ray Brown Trio, e a sala encheu-se de música. Eu disse: MÚSICA.

Ao olhar para uma garrafa de cristal com Vinho do Porto, que o Rui serve aos convidados que o desejem para os fazer sentir mais à vontade, ocorreu-me que também

o LP quanto mais velho melhor...

Mas na Delmax o jovem iniciado (e pouco abonado) pode percorrer todas as etapas do conhecimento audiófilo até chegar ao Nirvana: também há amplificadores e colunas acessíveis de várias marcas conhecidas, cabos, acessórios e até *kits* para AV, «plasmas» e projectores. Porque hoje em dia ninguém dispensa ver um filme em DVD com som *surround*. Mais raro já é ser atendido por um especialista que se esforça por encontrar a solução adequada a cada caso, mesmo que essa solução seja digital e ponha em causa os seus dogmas analógicos.